



Constantijn Praetorius era um modesto empregado de escritório. Um empregado de refinada educação, consciencioso, zeloso e pontual. Não bebia, não jogava as cartas nem o bilhar, e não fumava. Esfalfava-se a trabalhar de manhã até à noite e quando regressava do escritório, quase sempre muito tarde, não saía mais de casa. E acontecia até, por vezes, passar a noite a trabalhar. Não ia ao cinema, não tinha nenhum amigo íntimo e nunca focara um instrumento de cordas ou de percussão. Enfim, um funcionário sem mácula. Uma manhã, porém, e contrariando a sua minuciosa rotina, Constantijn Praetorius (se é que era esse o nome dele) não apareceu no escritório. Nem no dia seguinte nem no dia a seguir a esse. Também não o encontraram em casa nem em parte nenhuma. Nunca mais ninguém o viu. O funcionário dissipara-se como fumo no ar. Para sempre.

O escritório onde trabalhou também já não existe. E, para ser inteiramente franco, pergunto a mim mesmo se alguma vez existiu.

UM FUNCIONÁRIO SEM MÁCULA

AGOSTO 2013

MANTER AO ALCANCE E À VISTA DAS CRIANÇAS E ADULTOS

A BULA®



**IUR
LEUNAM
LARAMA**

ESTE FOLHETO CONTÉM INFORMAÇÃO IMPORTANTE PARA SI.
LEIA-O ATENTAMENTE.

ISTO

Bert Jacobs fumava um cigarro. Stefan Schwarz roía, salvo erro, uma maçã. Dino Tortajada apoiava a cabeça nas mãos. Jamal Pickersgill lambia os beiços. Don Crozier observava um melro. Guido Stahr engolia em seco. Óscar Cojocarú fazia o sinal da cruz. Sebastian Mackens não fazia nada de especial. E Reed Omathikul não parava de perguntar: “Irra! O que é isto?”

A VOAR É QUE NÃO FOI

Rinaldi Zaffini baixou a cabeça, olhou para os pés e não os encontrou. Tinha-os perdido. Mas como? Onde? E se não tinha os pés como tinha chegado até ali? A voar é que não foi. Mas a verdade é que foi justamente isso que aconteceu. Foi a voar que ele chegou até ali.

O PÚBLICO APLAUDE

O mágico tira um coelho da cartola.
O público aplaude.
O coelho, por sua vez, tira um mágico da cartola.
O público aplaude ainda com mais entusiasmo.
De seguida, este mágico tira um segundo coelho da cartola.
Ouvem-se “bravos!” vindos de todos os lados.
O segundo coelho tira um segundo mágico da cartola.
Furor e delírio entre os espectadores.
O segundo mágico, piscando astutamente o olho, tira um pêssego da cartola.
Há espasmos, convulsões e desmaios entre o público.
O pêssego prepara-se para tirar uma laranja da cartola, mas é devorado, num instante, pelo tigre.

O CHAPÉU DE ABAS LARGAS

Café Klopstock, em Günzburg. Um homem com um belo chapéu de abas largas entra e senta-se a uma mesa. O empregado, de rosto ao rubro e bochechas inchadas, bufando e resfolegando, precipita-se do fundo do balcão na direção do homem.

- Neste café é expressamente proibido os clientes usarem chapéu de abas largas! – grita ele de voz esganiçada e indicador espetado.

- O que estou a usar não é um chapéu de abas largas, mas um guaxinim!

- Ah, bem...

O empregado mergulha de novo no interior do balcão.

NÃO FOI POR FALTA DE AVISO

Panacrácio Nettersheim encheu o peito de ar. A mulher disse-lhe:

- Não devias encher assim o peito de ar. Qualquer dia rebentas.

Nettersheim fingiu não ter ouvido e voltou a encher o peito de ar. Naturalmente, acabou por rebentar.

- Ora esta! Ora esta! Não foi por falta de aviso – resmungou a mulher. – Agora vou ter de limpar toda esta porcaria.

E a mulher limpou toda aquela porcaria.

INCENDIAR BIBLIOTECAS

Começou por incendiar florestas. E, de facto, incendiou muitíssimas. Depois, aborreceu-se e decidiu mudar de vida. Começou a incendiar bibliotecas. E, como se veio a verificar, incendiou um número verdadeiramente impressionante desses nobres e memoráveis lugares. De todas as coisas que tinha incendiado até então, nenhuma se lhes comparava.

Não é que as bibliotecas em chamas fossem mais espetaculares do que as florestas, porque não eram. Mas dos livros desprendia-se um perfume, digamos, mais vibrante, um brilho, digamos, mais effelesco, um uuh-uuh, digamos, mais acrisolado. Os livros a arder faziam-no sentir vagamente triste. E era exactamente essa tristeza vaga que o enchia de felicidade.

Mas com o tempo, o interesse pelos livros esmoreceu. Acresce que dos corvos, outora tão comuns, não restava igualmente o mais leve vestígio.

E, de novo, Volkan Schetting mudou de inclinações incendiárias.

§

A COISA QUE SUCEDEU

Bom, a coisa podia ter sucedido em qualquer altura. Mas a verdade é que a coisa fez questão de suceder naquela manhã, bem cedo. Não quis esperar nem mais um segundo. Era uma coisa muito atreita a caprichos. E para complicar as coisas, tinha o coração do lado direito, circunstância que a tornava demasiado vaidosa e cheia de si própria.

Assim, e sem paciência para esperar mais tempo, a coisa sucedeu, dizíamos, naquela tarde. Quem poderia imaginar que as coisas tomariam aquele rumo? Contado não se acredita. E, no entanto, se reflectimos um só instante com a cabeça em cima dos ombros, facilmente concluímos que a coisa só poderia suceder naquela exacta tarde e não noutra, quero dizer, que tudo isto não poderia ser de outro modo, quero dizer, que era uma inevitabilidade.

E então, naquela noite, naquela bellissima noite, naquela bellissima, magnífica e admirável noite, sucedeu a coisa que tinha de suceder. Era o início da madrugada e o início de toda a espécie de coisas. O sol nascente oferecia um espectáculo assombroso, caindo suavemente sobre os telhados. Uma mosca subia no ar. Um cão começara a uivar ao longe.

ESBOÇO BIOGRÁFICO DE MIKOLAJ NAKIELSKA

Cara de tanso, coca-milhos, ladrão de chouriços e coiratos, trapaceiro, conspirador, velhaco de uma figa, patife, parlapatão, vendedor de banha da cobra, grulha malvado, mil vezes canalha, safado, descarado, trafulha, mestre em armar estruvidos, cobarde, coninhas, espanta-pardais, sacaninha de algebeira, banana, chibante, trombudo, tímido, caralho, nariz torcido, saca-peidos, bandalho sem escrúpulos, cara de cu à paisana, trangularhadanças, cara de rancolha, fantarelo de quinta-feira, corrópio malcheiroso, como manso, pitifanga, boca de lavagem, pingonheiro*, lorpa, olhos de carneiro mal morto, língua saburrienta, xoninhas, alma de panela velha, jimbreta**, burro até dizer chega, diabo em figura de gente, entrefolhos de couve, filho de um sapo-concho, chupado das carochas, gosipalho permeta, janota presunçoso, cavalleiro de indústria, escritor, intelectual e grande chefe politico do seu tempo, nasceu em Visaginas, em 1873, e morreu em Kretinga, em 1944.

* Em resposta a alguns comentários surgidos aquando da primeira edição deste texto, devo dizer que tenho em meu poder documentos fidedignos que confirmam que Mikolaj Nakielska era, de facto, um pingonheiro. De resto, a vasta correspondência entre Sodoj Malenk e Nadilla Vietok não deixa, a este respeito, sombra para dúvidas.

** Nos anos 50 do século passado houve uma longa discussão a propósito deste ponto, sobretudo a partir de um artigo publicado na revista "Mandelque de Poésie", da autoria de Marcel Cartaque, no qual se recuperava uma pequena nota de rodapé de um conto da juventude de Nakielska, e cujo teor parece contrariar a sua vertente de jimbreta. Mas é notório que se tratava de uma argumentação capciosa e dirigista.

§

Contos - Rui Manuel Amaral
Bonecos - Ina&Nando

ABULA
Titular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante:
www.correiodoportor.pt

Este folheto foi aprovado pela última vez no dia 31 de Julho de 2013